

Escrita feminina negra: contribuições para os estudos literários, feministas e de gênero

Black women's writing: contributions to the literary, feminist and gender studies

Taise Campos dos Santos Pinheiro de Souza¹

RESUMO: Este texto apresenta uma reflexão sobre a escrita feminina negra, que por diversos fatores foi e ainda, por vezes, é marginalizada e invisibilizada no campo literário. Por isso, torna-se importante dar visibilidade a essa escrita e com isso discutir as marcas de feminismo, raça e gênero que esta traz, mostrando suas contribuições para a construção de um novo e empoderado discurso sobre a mulher negra, o que representa um diferencial para o discurso literário e abala o cânone, uma vez que promove a construção de um novo olhar, uma representação diferenciada sobre a mulher negra, dando ênfase as suas formas de luta e resistência frente a sistemas socioculturais excludentes. Para tanto, além de teóricos como Guacira Lopes Louro (1997); Abdias do Nascimento (2000); Tatau Godinho (2008), entre outros que versam sobre o tema, trazemos textos de algumas escritoras negras como Alzira Rufino, Esmeralda Ribeiro e Cristiane Sobral para discutir e pensar em uma literatura que trabalhe com a autonomia do sujeito mulher negra, com o desafio a sistemas de poder dominantes e invisibilizadores e que dê ênfase à mulher e à questão étnico-racial a partir do olhar da própria pessoa negra, uma vez que esta por muito tempo ficou relegada ao esquecimento ou retratada de forma estereotipada por outras vozes, outros discursos pautados por um viés masculino e eurocêntrico. Dessa forma, esperamos mostrar como é relevante a literatura feminina negra, pois nos leva a refletir e combater os mecanismos de opressão, subalternização contra a mulher, especialmente a negra, e o preconceito racial, de gênero e seus efeitos, que ainda cotidianamente podem ser vistos e sentidos em diversos espaços socioculturais.

Palavras-chave: escrita feminina, gênero; raça.

ABSTRACT: This work is a reflection on black women's writing, which has been and yet, sometimes, is marginalized and reduced to invisibly in our literary field due to several factors . Therefore, it becomes important to give visibility to this writing so as to discuss the marks of feminism, race and gender that it brings, showing its contributions for the construction of a new and empowered discourse on black women, which represents a differential for literary discourse and affects the canon, since it t promotes the construction of a new perspective, a differentiated representation of black women, emphasizing their forms of struggle and resistance, front the exclusionary sociocultural systems. In order to do that, I bring up some theoretical voices such as that, of Guacira Lopes Louro (1997); Abdias do Nascimento (2000); Tatau Godinho (2008), among others that deal with the theme, as well as texts written by black women writers such as Alzira Rufino, Esmeralda Ribeiro e Cristiane Sobral to argue and think about a literature that deals with black women autonomy, and challenges the

¹ Mestranda do Programa de Pós-graduação em Crítica Cultural, área de Letras da UNEB-Universidade do Estado da Bahia, Campus II. Pesquisadora Bolsista da FAPESB- Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia. E-mail: tai_campos@hotmail.com

dominant power systems, a literature that gives emphasis to women and ethnic-racial issues from perspective of the black person herself, since this project was relegated to oblivion for too long or portrayed in as stereotyped way by other voices, other discourses guided by a masculine and eurocentric bias. In this way, we hope to show how it is relevant to black women's literature, because makes us reflect and face the mechanisms of oppression, subalternization against women, especially black women, and race and gender prejudice, and its effects, that still can be seen daily in different social and cultural contexts.

Keywords: women's writing; gender; race.

INTRODUÇÃO

A conquista realizada pelas mulheres no campo da escrita é fruto de um longo processo de lutas e reivindicações contra um silenciamento causado por uma sociedade patriarcal, em que a mulher teve por muito tempo, e ainda tem, por vezes, sua importância diminuída e subjugada. Para a mulher negra esse problema do poder de fala, de escrita é ainda maior, pois além da opressão de gênero, o fator racial contribui para que se agrave seu processo de marginalização.

Assim, é perceptível a invisibilidade de escritoras negras em nossa literatura, uma vez que ficou relegada a estas a marginalização e o esquecimento por parte de nosso cânone literário. Em um processo de subalternização realizado por um sistema social hegemônico, elitista e excludente, a produção de escritoras negras ficou relegada ao silenciamento.

Por isso torna-se importante dar visibilidade à escrita feminina negra, que por muito tempo foi apagada, e nessa linha, evidenciar suas contribuições nas discussões de questões como feminismo, gênero, raça, literatura, entre outras. Refletindo com isso sobre a escrita autônoma e diferencial da mulher negra que se tece pela desconstrução de estereótipos, de estigmas socioculturais e constrói um novo discurso sobre a mulher, de forma diferencial, transgressora, que ressignifica a si e seus contextos socioculturais.

1. (DES) CONSTRUINDO GÊNERO POR UM VIÉS FEMINISTA.

O tema “mulher” é de grande repercussão e abrange várias dimensões. Estudar sobre este, vinculando-o ao exercício do feminismo e à problematização do gênero é muito significativo, uma vez que os conceitos de ambos se tecem a partir de sua complementação e interligação.

Nos estudos relacionados aos modos de vida femininos aborda-se a respeito das desigualdades entre homens e mulheres. Para justificar essas desigualdades muitos se apoiavam em diferenças biológicas entre homens e mulheres, tornando estas o único meio de relação entre ambos. Muitos dos antigos estudiosos afirmavam essa desigualdade de uma forma naturalizada, já com um tom preconceituoso:

Assim, Platão e Aristóteles não hesitaram em estabelecer a desigualdade da mulher como “um fato da natureza, que deveria obedecer a um fim qualquer” e justificavam a inferioridade feminina com a mesma desenvoltura com que se referiam à sujeição do escravo. (GONÇALVES, 2006, p.18).

Desse modo, surge a necessidade de combater tal ideia, mostrando que o masculino e o feminino, definitivamente não se constituem em relação aos sexos de homens e mulheres, mas sim a partir das construções feitas nessas sociedades em relação a esses sexos, construções essas que foram naturalizadas historicamente.

O estudo de gênero pelo movimento feminista foi de grande relevância, pois a partir das críticas feitas através destes estudos se combateu todo um discurso preconceituoso sobre gênero e, ao mesmo tempo, se construiu outra perspectiva de gênero, através de uma proposta plural, incorporando a mulher como sujeito autônomo e crítico dentro da sociedade:

Por meio dos estudos feministas e de gênero, a literatura brasileira ganhou novos enfoques e diferentes traduções da opressão e da estigmatização femininas em uma sociedade patriarcal em que a violência ou crimes contra a mulher continuam a nos assombrar. (GOMES, ZOLIN, 2011, p.08).

Partindo da arena social e política que teve seu início no século XIX, para o plano teórico, já no século XX, estudiosas e militantes feministas incorporam os estudos da mulher e passam para análise e discussão acerca do conceito de gênero, confrontando com outros críticos. E na ligação entre estes campos de atuação surgem os estudos da mulher.

É o que podemos constatar no primeiro capítulo do livro *Gênero, sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista*, de Guacira Lopes Louro (1997) em que a mesma mostra como as mulheres lutaram contra a discriminação, opressão e inferiorização. Esta luta se configurou através da organização de manifestações, tanto no plano prático como no teórico, pelas quais as mulheres passaram a estudar o conceito de gênero, rejeitando o determinismo biológico, embutido nas discussões sobre homem e mulher, problematizando-o pelo foco social. A partir disso, podemos desconstruir a noção de gênero operada na oposição

binária: masculino-feminino. Oposição que define homem e mulher de forma permanente numa relação que se dá respectivamente por dominação-submissão: “No século XX, diversas escritoras brasileiras criaram personagens femininas transgressoras para ressaltar o quanto à submissão do gênero feminino era uma imposição cultural” (GOMES, 2008, p. 25).

Desse modo, surge a proposta de desconstrução dessas posições dicotomizadas, que acabam por reduzir o conceito de gênero, passando a entendê-lo como produto da construção sociocultural de sujeitos inseridos em um contexto histórico.

Concebendo a sociedade como área de produção e construção das relações entre os indivíduos, constatamos que a relação de desigualdade entre estes se efetiva justamente nesse espaço:

Enquanto o termo sexo se refere ao dado biológico, o termo gênero constitui um sistema social, cultural, psicológico e literário, constituído a partir de ideias, comportamentos, valores e atitudes relacionados aos sexos, através do qual se inscreve o homem na categoria do masculino e a mulher na do feminino. Essas categorias desempenham papéis na sociedade, no contexto do poder patriarcal, moldando realidades e processos de significação [...] (SHIMIDT,1994, p.31).

O conceito de gênero, então, passa ser usado na medida em que os gêneros se constroem no campo das relações sociais, constituindo, assim, as identidades dos indivíduos e essas identidades, por sua vez, são plurais, não são perenes, mas estão sempre em processo de transformação, portanto não há polos fixos.

Assim, podemos entender o feminismo como um movimento de luta de mulheres que, inclusive ao lado de homens politicamente esclarecidos, busca o reconhecimento da alteridade e direitos humanos de ambos. Procura mostrar a construção cultural dos sujeitos, construção desigual que excluiu e invisibilizou mulheres. Segundo a militante feminista Tatau Godinho:

O feminismo é a teoria e a prática da luta pela libertação das mulheres. Dito de outra forma: é a teoria e a prática, a ação política para construir uma sociedade igualitária entre mulheres e homens, ou seja, para construir relações igualitárias, romper com as desigualdades das relações sociais de sexo ou de gênero. (2008, p.17).

E referindo-se à importância da perspectiva de gênero na história de preconceitos contra a mulher, esta pode ser entendida como atitude crítica reflexiva, engajada politicamente, socialmente e historicamente. E ligada, ao exercício do feminismo, ato político, cultural e social a favor não de direitos restritos às mulheres, mas de direitos humanos, muitas

vezes negados a estas.

Discutir gênero é, pois discutir, problematizar as relações de poder que estão presentes em nossa sociedade, suas normatividades perpassadas, é pensar por um viés feminista, que o concebe em sua pluralidade, em seu caráter construtivo, plurissignificativo, e relacional.

2. MULHER NEGRA, GÊNERO E FEMINISMOS.

Há que se pontuar a dupla exclusão sofrida por mulheres negras, uma vez que estas foram marginalizadas e oprimidas em duas esferas, a de gênero e a de raça, e ainda em vários casos também, de classe. Sobre isso Vera Baroni enfatiza:

Eu juntaria ainda a questão da opressão que as mulheres brancas não experimentaram igualmente como experimentaram as mulheres negras historicamente. Elas sempre foram vítimas da opressão, elas sofriam como as mulheres brancas os efeitos do patriarcado, mas o diferencial é que as mulheres negras além de tudo sofreram uma opressão pela sua condição de mulher negra que as brancas não experimentaram. (BARONI, 2006, p.23)

A constatação desse duplo preconceito nos leva a refletir sobre o caráter plural também do feminismo, uma vez que não existem polos fixos, mas plurais, afinal não existe a mulher, mas “várias e diferentes mulheres que não são idênticas entre si” (LOURO, 1997, p. 32). Desse modo, percebe-se a mulher como um sujeito multifacetado, com características socioculturais e raciais diferentes, o que não permite pensar o feminismo de uma forma simplista, única, como no início, em que o foco de seus estudos era mulheres brancas, de classe média. Conforme Louro (1997) tal problematização, seus procedimentos e categorias de análise devem também abranger as mulheres não brancas e as lésbicas. Neste trabalho, o foco se volta para a questão da mulher negra inserida nesse movimento:

Vem se desenvolvendo desde a década de 1970 a inserção das mulheres negras no movimento feminista. Hoje, como resultado da atuação das mulheres negras, o movimento de mulheres não trabalha a questão da mulher sem considerar a questão racial. (NASCIMENTO, 2000, p. 229).

Podemos perceber a importância da inserção da mulher negra dentro desse movimento, pois estendeu suas discussões, teorizações, problematizações, constituindo uma forma de luta e intervenção dessas mulheres para com os problemas socioculturais que as cercam, como o preconceito racial, contribuindo para o reconhecimento do sujeito mulher negra de forma diferencial:

As mulheres negras, ao construírem seu lugar no movimento feminista, buscaram um reconhecimento público como grupo definido pela diferença de gênero e de raça [...]. O feminismo branco, no seu início, não viu as mulheres negras, referenciado que esteve ao feminismo europeu[...]. Foi a organização autônoma das mulheres negras, no âmbito dos encontros feministas, que propiciou a visibilidade concreta da necessidade da articulação das categorias classe, gênero e raça. A construção deste sujeito coletivo - as mulheres negras- trouxe maior complexidade e exigiu o reconhecimento das profundas diferenças culturais que marcam as práticas das mulheres, forçando-nos a aceitar o princípio da heterogeneidade da condição e da insubordinação das mulheres. (SOARES, 2000, p. 260).

Assim, não podemos pensar em gênero, feminismo, sem pensar pluralidades, alteridades e inserindo a mulher negra e escritora dentro desse movimento, iremos perceber o quanto a escrita feita por esse sujeito social se constitui como ferramenta fundamental nas discussões desses conceitos, na reflexão da figura da mulher negra em seus diversos contextos.

3. ESCRITA FEMININA NEGRA: UMA VOZ DE RESISTÊNCIA E DIFERENÇA!

A apropriação da escrita literária pelas mulheres negras foi fundamental no processo de aquisição de um novo olhar sobre estas mesmas, suas lutas, seus modos de resistência, história e alteridade.

“Jogando” com as forças de poder circunscritas em nossa sociedade a escrita marginal feminina negra discute questões socioculturais, de gênero, de raça de uma forma diferencial, buscando problematizar discursos fixados, canonizados historicamente. Sobre isso a escritora negra Conceição Evaristo vem nos dizer que:

Se há uma literatura que nos inviabiliza ou nos ficciona a partir de estereótipos vários, há um outro discurso literário que pretende rasurar modos consagrados de representação da mulher negra na literatura. Assenhorando-se “da pena”, objeto representativo do poder falocêntrico branco, as escritoras negras buscam inscrever no corpus literário brasileiro imagens de autorrepresentação. Criam, então, uma literatura em que o corpo-mulher-negra deixa de ser o corpo do “outro” como objeto a ser descrito, para se impor como sujeito-mulher-negra que se descreve, a partir de uma subjetividade própria experimentada como mulher negra na sociedade brasileira. Pode-se dizer que o fazer literário das mulheres negras, para além de um sentido estético, busca semantizar um outro movimento que abriga todas as nossas lutas. Toma-se o lugar da escrita, como direito, assim como se torna o lugar da vida. (EVARISTO, 2005, p. 54).

A literatura feminina negra é, pois discurso diferenciado, pautado pelas vivências, marcas de vida, experiências da própria mulher negra, que busca lançar sobre si um novo olhar, que lhe é intrínseco, que parte dela mesma e não de representações estereotipadas, baseadas em concepções preconceituosamente fixadas. Essa escrita se tece pela enunciação de vozes antes silenciadas, em meio à subalternização, marginalização da mulher negra, que se lança como forma de resistência à opressão, exclusão. Como podemos ver no poema *Boletim de ocorrência* (1988), de Alzira Rufino²:

Mulher negra,
Não para
Por essa coisa bruta
Por essa discriminação morna,
Tua força ainda é segredo,
mostra tua fala nos poros
O grito ecoará na cidade,
Capinam como mato venenoso
a tua dignidade, [...]
Tua negritude incomoda
Teu redemoinho de forças afoga
Não querem a tua presença
Riscam teu nome com ausência.

Mulher negra, chega
Mulher negra, seja
Mulher negra veja
Depois do temporal.
[...]
Transpiro a liberdade.
(RUFINO, Alzira in:
http://www.casadeculturadamulhernegra.org.br/alzira_poemas.htm)

Podemos perceber como a escrita torna-se ferramenta de ressignificação da mulher negra, evidenciando sua luta contra a exclusão, contra o racismo, a invisibilidade, o silenciamento de sua voz e sua presença. É, pois, uma forma de se afirmar como sujeito crítico, ativo, resistente diante de um sistema hegemônico e excludente. Constata-se, então, que apesar de toda exclusão que recai sobre as mulheres negras, da invisibilidade que as cerca, estas têm algo a dizer, são capazes de produzir, lutam por um mundo mais equitativo,

² A escritora Alzira dos Santos Rufino, nasceu em Santos – SP, em 1949. Começou os estudos na área de saúde, graduando-se mais tarde em enfermagem. Notória ativista do movimento negro e especialmente do Movimento negro feminino, fundou o “Coletivo de Mulheres Negras da Baixada Santista”, em 1986 e a “Casa de Cultura da Mulher Negra”, em 1990.

falam, escrevem, contribuindo com um discurso literário inovador, desafiante, revelando de forma diferencial sujeitos estigmatizados.

Além disso, a escrita marginal feminina negra se inscreve no movimento da memória, o resgate das vozes antes silenciadas, como forma de contestação, de reivindicação pelo lugar de fala desse sujeito, trazendo à cena a consciência da ancestralidade, a importância de afirmar a existência da mulher negra, como podemos constatar nessas estrofes do poema *Ressurgir das Cinzas*, de Esmeralda Ribeiro³:

Sou forte, sou guerreira,
tenho nas veias sangue de ancestrais.
Levo a vida num ritmo de poema-canção,
mesmo que haja versos assimétricos,
mesmo que rabisquem, às vezes,
a poesia do meu ser,
mesmo assim, tenho este mantra em meu coração:
“nunca me verás caído ao chão”.
Sou guerreira como Luiza Mahin,
Sou inteligente como Lélia Gonzáles,
Sou entusiasta como Carolina de Jesus,
Sou contemporânea como Firmina dos Reis
Sou herança de tantas outras ancestrais.
E, com isso, despertem ciúmes daqui e de lá,
mesmo com seus falsos poderes tentem me aniquilar,
mesmo que aos pés de Ogum coloquem espada da injustiça
mesmo assim tenho este mantra em meu coração:
“Nunca me verás caída ao chão”.
(RIBEIRO, 2004, p.63)

A autora, através da retomada de vários nomes históricos de mulheres negras que fizeram a diferença, de alguma forma, principalmente pela escrita, demonstra uma atitude engajada e socialmente politizada, que expressa a potencialidade e resistência da mulher negra, apontando o quanto é necessário considerar a importante presença feminina negra, que apesar de ser, por vezes, esquecida, deixada à margem socialmente e culturalmente, resiste e reescreve sua história, através de suas microlutas, ressignificando assim os contextos em que se insere.

A escrita feminina negra foi crucial no processo de reconhecimento da condição social da mulher, pois foi por meio dela que tantas mulheres, como escritoras negras subalternizadas, puderam ser agentes dentro de seu contexto social, exercendo seu discurso,

³ A escritora e jornalista Esmeralda Ribeiro nasceu em São Paulo, no ano de 1958, é participante do Projeto Quilombohoje, lutando junto a esse movimento no combate ao racismo e pela constituição de uma literatura que dê espaço às questões da cultura africana e afro-brasileira.

falando a sua palavra, o que lhes conferiu progressivamente a conquista da autonomia.

A escrita marginal de escritoras negras faz parte da construção de um discurso que insere a mulher no mundo como sujeito ativo, crítico-reflexivo, que ajuda a (des)-construir a si mesmo e ao seu espaço social. É o que podemos ver nesse trecho do poema *Não vou mais lavar os pratos*, da escritora Cristiane Sobral⁴:

Não vou mais lavar os pratos.
Nem limpar a poeira dos móveis.
Sinto muito.
Comecei a ler. [...]
Sinto muito.
Agora que comecei a ler quero entender o por quê, por que e o por quê.
Existem coisas. Eu li, e li, e li...
Eu até sorri e deixei o feijão queimar. [...]
Não vou mais lavar as coisas e encobrir as sujeiras inteiras,
nem limpar a poeira e espalhar o pó daqui para ali e de lá para cá.
Desinfetarei minhas mãos.
Depois de tantos anos alfabetizada, aprendi a ler.
Sendo assim não lavo mais nada e olho a poeira no fundo do copo.
Vejo que sempre chega o momento de sacudir, de investir, de traduzir.
Não lavo mais os pratos.
Li a assinatura de minha lei áurea.
Escrita em negro maiúsculo, em letras tamanho 18, espaço duplo.
Aboli. [...]
Está decretada a Lei Áurea.
(SOBRAL, 2010, p.23)

A autora desconstrói, por meio de seu poema, os papéis socialmente e historicamente instituídos para a mulher e nesse processo busca o rompimento de mecanismos cotidianos de opressão feminina. É um poema que expressa a cada verso a enunciação de uma voz feminista que busca problematizar a imagem da mulher idealizada, mostrando outro modo feminino de ser e estar no mundo, de se posicionar em seu cotidiano, em suas relações socioculturais. Um dos marcadores fundamentais nesse poema é a afirmação da importância de ler, refletir, o

⁴ A escritora e atriz Cristiane Sobral nasceu em 1974, no Rio de Janeiro, iniciou seus estudos artísticos na área da dramaturgia, formando-se mais tarde em Interpretação Teatral pela Universidade de Brasília, é pós-graduada em Educação, com ênfase para o ensino das Artes. Entre outros trabalhos, firmou a direção do grupo teatral Cabeça Feita, fundado em 1999, formado por atores negros também graduados pela Universidade de Brasília.

texto que é a própria vida, o que é necessário no processo de rompimento com modelos sociais pautados pela lógica do masculino, o que opera com a discussão de gênero, em seu caráter social e construtivo. Sobral, através de sua escrita, questiona papéis sociais imputados à mulher, rejeita-os e opera um novo modo de ser, mostrando que: “Entre o público e o privado, a mulher que escreve estabelece seu mundo imaginário, procurando dizer de si mesma aos outros e propondo novas maneiras de estar e fazer.” (FREITAS, 2002, p.120).

A luta por um espaço mais digno, pela liberdade, pela valorização da mulher negra é uma marca da escrita dessas mulheres, que através de um conhecimento sobre sua própria condição sociocultural, reflete seus contextos e busca modos de intervenção contra sistemas que a aprisionam. De tal modo, a escrita marginal feminina negra traz relevantes contribuições para os estudos literários, quando lança uma literatura inovadoramente crítica e transgressora e colabora também para os estudos feministas e de gênero ao ratificar a dignidade da mulher e ao lutar, paulatinamente, pela emancipação desta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escrita feminina negra constitui uma vasta fonte de discussão de questões socioculturais, como a afirmação da mulher negra, das raízes afrodescendentes, a luta e resistência da mulher, o canto à liberdade, o desafio aos sistemas de poder estabelecidos, propondo uma nova construção literária feita pelas mulheres subalternizadas e excluídas.

Essa atuação feminina dá a ideia de deslocamento da dita escrita convencional tornando perceptível que: “A influência do gênero e da raça na participação dos indivíduos na sociedade brasileira produziram [...] uma expressiva literatura.” (OLIVEIRA, 1992, p. 15).

Portanto, a escrita marginal feminina negra constitui-se como um instrumento de luta e resistência, ecoando vozes de mulheres subalternizadas, silenciadas como forma de protesto, como gesto feminista pelo direito de fala. Sendo assim, essa escrita configura-se como forma de consciência subjetiva, política e social, mostrando que estas mulheres, numa atitude feminista, lutam, denunciam e buscam transformar um sistema que de vários modos às subalterniza.

REFERÊNCIAS

BARONI, Vera. Oficina: Convenções sobre a Eliminação de Todas as Formas de discriminação Racial (CERD) e contra a mulher (CEDAW) – articulando conceitos para seu cumprimento conjugado no Brasil. In: *Mulher negra: sujeito de direitos: e a convenção para a eliminação da discriminação*. Brasília: AGENDE 2006, p. 07-111.

EVARISTO, Conceição. Gênero e etnia: uma escre (vivência) de dupla face. In: MOREIRA, Nadilza Martins de Barros; SCHNEIDER, Liane (Org.). *Mulheres no mundo*. Etnia, marginalidade e diáspora. João Pessoa: Ed. Universitária; Ideia, 2005, p. 201-212.

FREITAS, Zilda de Oliveira. A literatura de autoria feminina. In: (Orgs.) FERREIRA, Sílvia Lúcia; NASCIMENTO, Enilma Rosendo do. *Imagens da mulher da cultura contemporânea*. Salvador: NEIM/UFBA, 2002, p. 115-123.

GODINHO, Tatau. Feminismo, prática política e luta social. In: JORGE, Flavio. PAPA, Fernanda. (Orgs.). *O feminismo é uma prática: reflexões com mulheres jovens do PT*. São Paulo: Fundação Friedrich Ebert, 2008, p.17- 22 .

GOMES, Carlos Magno. A interculturalidade do romance de Nélide Piñon. *Interdisciplinar. Revista de estudos de língua e literatura*. Aracaju, ano 3, v.5, n.5, p.47-57, jan.-jun. 2008.

GOMES, Carlos Magno; ZOLIN, Lúcia Osana. (Orgs.) *Deslocamentos da escritora brasileira*. Maringá: Eduem, 2011.

GONÇALVES, Andréa Lisly. *História e Gênero*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. 1.ed. São Paulo: Vozes, 1997.

NASCIMENTO, Abdias do. NASCIMENTO, Elisa Larkin Reflexões sobre o movimento negro no Brasil, 1938-1997. In: GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo; HUNTLEY, Lynn. (Orgs.) *Tirando a máscara: Ensaio sobre o racismo no Brasil*. São Paulo: Paz e Terra: 2000, p. 203-236.

OLIVEIRA, Cloves Luiz Pereira. *A luta por um lugar: gênero, raça e classe/ Eleições municipais de Salvador-BA*. Salvador: Programa a cor da Bahia; Série novos toques: 1992.

RIBEIRO; Esmeralda. Ressurgir das cinzas. In: RIBEIRO; Esmeralda; BARBOSA, Marcio (Orgs.) *Cadernos Negros*. São Paulo: Quilombhoje, 2004, p. 63.

SHIMIDT, Rita Terezinha. Da ginolatria à genologia: sobre a função estética e a prática feminista. In: FUNK, Susana. (Org.) *Trocando ideias sobre a mulher e a literatura*. Florianópolis: EDEME Ind. Gráfica, 1994, p. 20-31.

SOBRAL, Cristiane. *Não vou mais lavar os pratos*. Brasília: Athalaia Gráfica e Editora, 2010.

SOARES, Vera. O verso e reverso da construção da cidadania feminina, branca e negra no Brasil. In: GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo; HUNTLEY, Lynn. (Orgs.) *Tirando a máscara: Ensaios sobre o racismo no Brasil*. São Paulo: Paz e Terra: 2000, p. 257-282.

OUTRAS FONTES:

Rufino, Alzira. Boletim de Ocorrência. In: *Poemas*. Disponível em: http://www.casadeculturadamulhernegra.org.br/alzira_poemas.htm acesso em 21 dez. 2012.

Data do recebimento: 22/07/2014

Data da aprovação: 23/11/2014